



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS

RAQUEL DE SOUZA BASTOS

**A CONSTRUÇÃO DA VONTADE DE VERDADE NO DISCURSO POLÍTICO
NEGACIONISTA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

CAMPINA GRANDE-PB
2023

RAQUEL DE SOUZA BASTOS

**A CONSTRUÇÃO DA VONTADE DE VERDADE NO DISCURSO POLÍTICO
NEGACIONISTA DURANTE DA PANDEMIA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Letras-Português, da Universidade
Estadual da Paraíba - *Campus I*, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Letras

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. José Domingos

**CAMPINA GRANDE-PB
2023**

B327c Bastos, Raquel de Souza.

A construção da vontade de verdade no discurso político negacionista durante a pandemia da Covid-19 [manuscrito] / Raquel de Souza Bastos. - 2023.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José Domingos, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Análise do discurso. 2. Verdade . 3. Poder. 4. Social. I. Título

21. ed. CDD 401.41

RAQUEL DE SOUZA BASTOS

A CONSTRUÇÃO DA VONTADE DE VERDADE NO DISCURSO POLÍTICO
NEGACIONISTA DURANTE A PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de Licenciatura Plena
em Letras – Língua Portuguesa, pelo
Departamento de Letras e Artes do
Centro de Educação da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I,
Campina Grande – PB.

Aprovada em 14/09/2023

BANCA EXAMINADORA

José Domingos

Prof. Dr. JOSÉ DOMINGOS – (Orientador)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

Tânia Maria Augusto Pereira

Prof.ª. Dra. TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA (Examinadora)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

Marcelo Vieira da Nóbrega

Prof.ª. Dr. MARCELO VIEIRA DA NÓBREGA (Examinador)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Bolsonaro pede fim do isolamento por Coronavírus.....	16
Figura 2 – Bolsonaro pede a apoiadores que entrem em hospitais	16
Figura 3 – Print do vídeo publicado pelo ex-presidente.....	19
Figura 4 – Postagem de Bolsonaro a favor do uso da cloroquina e azitromicina.....	21
Figura 5 –Diretrizes para tratamento medicamentoso de pacientes.	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	9
2.1 <i>A AD: um percurso pela ad de linha francesa</i>	9
2.2 <i>O sujeito e o interdiscurso</i>	10
2.3 <i>Discurso-verdade-poder</i>	11
3. A PRODUÇÃO DE SENTIDO DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS NO CONTEXTO DE PANDEMIA NO BRASIL	14
3.1 <i>Estratégias do discurso religioso: convencimento e verdade</i>	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

A CONSTRUÇÃO DA VONTADE DE VERDADE NO DISCURSO POLÍTICO NEGACIONISTA DURANTE DA PANDEMIA DA COVID19

Raquel de Souza Bastos¹

RESUMO

A produção discursiva é condicionada à imagem do enunciador, que está situado em um contexto histórico e social determinado. Nesse sentido, o discurso negacionista, que emergiu do então presidente Jair Messias Bolsonaro durante o momento histórico da pandemia da Covid-19, fundamenta esta pesquisa. Para tal, tem como questionamento de pesquisa: de que forma se constituiu uma vontade de verdade em torno do discurso negacionista do então Presidente da República sobre a pandemia e como ela se materializa discursivamente? Objetiva-se analisar o discurso do Governo Federal no contexto da pandemia da Covid-19. Como objetivos específicos: compreender as condições de produção que possibilitaram a emergência dos discursos negacionistas do então Presidente; mostrar o funcionamento do interdiscurso que colabora para a construção da verdade e identificar as formações discursivas que se formaram a partir do discurso presidencial. O corpus dessa pesquisa constituiu-se do pronunciamento presidencial (veículo nas redes sociais do presidente e nas mídias digitais) a respeito da Covid-19, que se constituiu como um discurso de verdade. Como fundamentação teórica, recorreu-se à obra de Michel Foucault (2012), que trata sobre a relação de poder na esfera social, para quem também o discurso pode ser uma forma de controle social e de interdições. O trabalho se ancora também no aporte teórico de Pêcheux (1990), Fiorin (2012), entre outros. Os resultados do estudo demonstram que durante o período da pandemia Covid-19, o discurso que emergiu da figura do então Chefe do Executivo produz o efeito de sentido negacionista, tendo em vista que contestava não só a letalidade do vírus, como também a comunidade científica, através de estratégias para que esses discursos adquirissem legitimidade. Além disso, verificamos que as ideologias neoliberais que lastreavam o discurso oficial priorizavam a economia em detrimento à vida.

Palavras-chave: Discurso. Verdade. Poder. Social.

ABSTRACT

Discursive production is conditioned by the image of the enunciator, who is situated in a specific historical and social context. In this sense, this research is based on the denialist discourse that emerged from then-president Jair Messias Bolsonaro during the Covid-19 pandemic. To this end, the research question is: in what way was a will to truth constituted around the then President of the Republic's denialist discourse on the pandemic and how does it materialize discursively? The aim is to analyze the discourse of the Federal Government in the context of the Covid-19 pandemic. The specific objectives are: to understand the conditions of production that made it possible for the President's denialist discourses to emerge; to show how the interdiscourse works to construct the truth and to identify the discursive formations that were formed from the presidential discourse. The corpus of this research consisted of the presidential statement (published on the president's social networks and digital media) about Covid-19, which was constituted as a discourse of truth. The theoretical basis was the work of Michel Foucault (2012), who deals with the relationship of power in

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba. Contato: Raquelbastos41@gmail.com

the social sphere, for whom discourse can also be a form of social control and interdiction. The work is also anchored in the theoretical contribution of Pêcheux (1990), Fiorin (2012), among others. The results of the study show that during the period.

Keywords: Discourse. True. Power. Social

1. INTRODUÇÃO

Toda sociedade permeia dizeres que compõem posições ideológicas, sociais atrelado ao momento histórico que constituem uma produção discursiva, e o enunciador tem papel fundamental na disseminação desses dizeres. As instituições também ocupam lugares importantes, ficando a cargo delas a legitimação do discurso verdadeiro.

Para Fernandes (2005), o discurso está além do texto, da fala, ele se constitui a partir das relações interpessoais que denotam os lugares socioideológicos, assumidos pelos sujeitos envolvidos e impregnados nas palavras quando pronunciadas. Demarcando, também, o momento histórico de uma sociedade e revelando a presença de diferentes discursos, como abordaremos nesta pesquisa.

No contexto da Pandemia da Covid19, após o Ministério da Saúde implementar as medidas preventivas², através de políticas de contenção, discursos contrários às decisões dos órgãos de saúde emergiram da figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Diante disso, no dia 24 de março de 2020, em pronunciamento oficial, o então Chefe do Executivo afirmou que as medidas adotadas eram inadequadas e prejudiciais à economia brasileira. Além disso, minimizou a gravidade da doença, responsabilizou a mídia por disseminar pânico à população e incentivou os indivíduos ao retorno das atividades em favor da manutenção dos empregos.

Considerando a posição social ocupada pela figura de representante do Estado, os dizeres proferidos por ele pretendiam influenciar o comportamento e a opinião popular. Assim, o discurso oficial do então Presidente da República que contestava os estudos científicos e a letalidade do vírus foram embasados de ideias negacionistas³.

Desse modo, a produção desse discurso é condicionada à imagem do enunciador (representação de poder, por se tratar de um cargo público de prestígio: Presidente da República), além do conteúdo do discurso estar presente em uma situação concreta historicamente determinada. Esse fato histórico está ligado diretamente a condições de produção do discurso, as quais Pêcheux (1990, p. 182) conceitua como “determinações que caracterizam um processo discursivo”.

Partindo desse pressuposto, faz-se necessário afirmar que o discurso é produzido a partir de um sujeito em sua relação com uma coletividade, tornando-se um exercício de poder. Nesse contexto, *vontade* e *verdade* são termos importantes para se compreender a coerção social que perpassa pelos sujeitos através de discursos. Sobre essa força exercida através do discurso, Foucault (2014, p.8) ressalta:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de

² O primeiro caso registrado de infecção pelo SARs-CoV-2, vírus causador da Covid-19, no Brasil, ocorreu em 26 de fevereiro de 2020. A primeira morte causada pelo Coronavírus teve seu primeiro registro no dia 12 de março do mesmo ano, segundo dados do Ministério da Saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estudos realizados pela comissão científica concluíram que as medidas eficazes para o controle da disseminação do vírus seria a higienização das mãos com álcool em gel, uso de máscaras e evitar qualquer tipo de aglomeração, resultando no isolamento social.

³ O negacionismo é uma corrente ideológica que nega o conhecimento científico, as comprovações, o argumento lógico e busca acentuar incertezas na população. Como visto durante a Pandemia da Covid-19 procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Nessa concepção, o teórico faz uma crítica à ordem do discurso no que concerne à trajetória – na qual a sociedade tem o intuito de controlar o que é produzido, quem produz e em quais circunstâncias os discursos são distribuídos.

Desse modo, a vontade de verdade pode ser compreendida como um conjunto de construções discursivas que corroboram para o fortalecimento de um controle das ações humanas. Cada sociedade, amparada nas instituições, escolhe os discursos que serão aceitos, legitimados e circularão como verdadeiros. A esse respeito, Foucault (2014, p.17) esclarece que “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como um poder de coerção”.

Assim, compreende-se que o discurso presidencial, apoiado aos dogmas religiosos, que atribuem a cura por meio transcendental, colaboraram para fortalecer o negacionismo. Em decorrência disso, as relações de poder determinam quais discursos serão institucionalizados como verdadeiros, tendo em vista que as verdades têm influência direta nas ações dos sujeitos. Portanto, verdade e poder estão entrelaçados, sendo incapaz de existir verdade sem poder e fora de poder, consoante Foucault (2014).

De acordo com Dijk (2008), o discurso pode controlar mentes e estas controlam ações, isto é, para se ter poder, nessa perspectiva, é importante, em primeiro momento, dominar o discurso. Pois, é através dele que as relações de poder conduzem e gerenciam as ações dos sujeitos. Desse modo, os discursos passam por um processo de regulação, transformação para, posteriormente, circularem na sociedade como legítimos.

Em meio ao cenário pandêmico, os discursos negacionistas proferidos pelo então Governo Federal uniu forças com os líderes religiosos, e endossaram a ideia de que o vírus seria passageiro e convocaram a população para um dia de jejum para livrar o Brasil da Covid-19, ou seja, reforçaram a vontade de verdade produzida pelo líder de Estado.⁴

Em virtude disso, os discursos contrários ao do Presidente eram silenciados, devido a sua figura de líder. Por isso dominava aquela *vontade de verdade*. Foucault (1984) ressalta que a vontade de verdade funciona como uma regra do discurso, promovendo um modo de exercício de poder na sociedade.

Nesse contexto, as demissões dos dois Ministros da Saúde - José Henrique Mandetta e Nelson Teich - representam a tentativa de silenciamento do discurso científico, ambos ministros adotavam às medidas de precaução contra a disseminação do vírus. Após as exonerações, o ex-presidente ocultou dados no site do Ministério da Saúde, protocolando medicamentos sem comprovação científica. Nessa perspectiva, o acontecimento discursivo funcionou como forma de controle das identidades sociais.

Diante dessa conjuntura, esta pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: de que forma se constituiu uma vontade de verdade em torno do discurso negacionista do então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro sobre a pandemia e como ela se materializa discursivamente?

Com a finalidade de responder a esta questão, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar o discurso do Governo Federal no contexto da pandemia da Covid-19.

⁴ No dia 04 de abril de 2020, o então Presidente da República, Jair Bolsonaro, publica um vídeo na sua rede social convocando a população para um dia de jejum contra a Covid-19.

Como objetivos específicos: i) compreender as condições de produção que possibilitam a emergência dos discursos negacionistas do então Presidente Jair Bolsonaro; ii) mostrar o funcionamento do interdiscurso que colabora para a construção da verdade, nos dizeres do então Presidente da República, no momento histórico da pandemia iii) identificar as formações discursivas que se formaram a partir do discurso presidencial.

Para a realização deste estudo, utilizamos como *corpus* de análise enunciados que integram o pronunciamento oficial em cadeia nacional de rádio e televisão, no dia 24 de março de 2020⁴, quando o Chefe do Executivo Nacional se opõe às medidas sanitárias impostas pelo Ministério da Saúde, minimizando os efeitos nocivos da pandemia e incentivando a população ao retorno das atividades em favor da economia. Para complementar a análise, selecionamos duas postagens do *Facebook*, rede oficial do então Representante do Governo Federal (Bolsonaro), defendendo o uso da Hidroxicloroquina (medicamento não comprovado cientificamente para combater o Coronavírus) e outra convocando a população para um dia de jejum, com orações e jejuns para salvar o Brasil da pandemia da Covid-19.

Nossa pesquisa se desenvolve a partir dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), tendo em vista que é uma área do saber interpretativa, em que o analista, através do *corpus*, vai produzir/construir sentidos. Desse modo, esta pesquisa é interpretativa, pois investigamos e interpretamos os discursos relacionando-os ao momento sócio-histórico vivenciado durante a pandemia da Covid19. Quanto à abordagem da problemática, selecionamos o método qualitativo, em razão de considerar que há uma relação condizente entre o mundo real e o sujeito. Isso significa afirmar que não se pode separar, nesta pesquisa, sobretudo porque é do campo da AD, o mundo real e a subjetividade.

Para fundamentação teórica, recorreremos à obra de Michel Foucault (1984, 2006, 2014, 2017), que trata sobre a relação de poder na esfera social, como também ressalta que o discurso pode ser uma forma de controle social e interdições.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se discutir e refletir a respeito do discurso de autoridade e seus efeitos de sentido, que torna um dizer-verdadeiro no contexto da Covid-19. Esses discursos refletem-se diretamente no comportamento de uma parcela da população que, conseqüentemente, pode chegar a aceitar os dizeres do então Presidente como verdade, ainda que haja questionamentos sobre a veracidade dos dizeres, o discurso produz conseqüências sobre todo o corpo social. Por essa razão, ao se tratar do discurso proferido por figuras políticas, que circulam nas mídias sociais, em uma perspectiva da Análise do Discurso, oferecemos aparatos teóricos para analisar os enunciados proferidos de forma crítica e científica. Assim, a importância deste trabalho também amplia o conhecimento a respeito da Análise do Discurso, porque essa área do conhecimento oferece fundamentos para analisar a produção e circulação dos discursos socialmente, compreendendo a importância deles para a construção da opinião pública e de políticas do governo.

Este estudo se organiza da seguinte maneira: na introdução, contextualizamos sobre o posicionamento do Ministério da Saúde a respeito das medidas de prevenção da Covid-19. Em seguida, traçamos um percurso pela Análise do Discurso, no tópico “A Análise do discurso: um percurso pela AD de linha francesa”; em seguida, tratamos sobre: o sujeito e o interdiscurso, discurso-verdade-poder. Analisamos os dados sobre

⁵ < <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 27 set. 2021

a produção de sentido dos discursos presidenciais em torno do contexto de pandemia no Brasil, estratégias do discurso religioso: convencimento e verdade. E, por fim, apresentarmos as considerações finais.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A AD: um percurso pela AD de linha francesa

A Análise do Discurso (AD) que fundamenta este trabalho surge no contexto de intelectualidade francesa, como contrária às ideias do formalismo linguístico. Esse campo teórico rompe com as ideias do estruturalismo, corrente linguística que analisa a língua em si mesma (estrutura), e desconsidera os fatores extralinguísticos. Conseqüentemente, a análise de textos era limitada à decodificação de elementos linguísticos, sem levar em conta o sujeito, o contexto e o meio social.

A AD teve como precursor o filósofo francês Michel Pêcheux, em meados de 1960, com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso (AAD)*. A partir desse momento, o sujeito e a história foram contemplados nos estudos da linguagem.

No século XX, a AD perpassou por três fases marcantes. O primeiro momento refere-se à análise de discursos mais estabilizados, isto é, com menor grau de variação de sentido. Essa fase ficou marcada pela análise automática do discurso, por abordar a língua e a história a partir de enunciados rígidos. Fernandes (2005) aponta que nessa circunstância o sujeito é caracterizado como assujeitado, embora ateste ser produtor do próprio discurso, como também define os discursos como homogêneos e fechados em si, nomeando de maquinaria discursiva. No que concerne a essa noção, Orlandi (2009, p. 60) frisa que “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recordar e analisar estados diferentes”.

A segunda fase da AD também é marcada pela maquinaria discursiva, mas que, nesse contexto, não se limita a enunciados fechados, uma vez que essa fase é marcada pelo conceito de formação discursiva de Michel Foucault, o que configura a primeira fase como parâmetro desigual para análise do sujeito e do sentido. Para complementar essa informação, De acordo com Pêcheux (1983 apud Fonseca-Silva, 2005, p. 92):

O quadro epistemológico da AD nessa fase, como sabemos, articulou três regiões do conhecimento atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica: a) o materialismo histórico; b) a lingüística; c) e a teoria do discurso. A problemática dessa fase, segundo Pêcheux (1983a), decorre dessa relação desigual das formações discursivas; do fechamento da maquinaria discursiva, mesmo sendo concebido como resultado paradoxal da irrupção de uma além exterior e anterior [...]

Nessa fase há a noção de que a formação discursiva tem a autonomia de determinar o que pode ser aceito no dizer, considerando o local de fala do sujeito. Ao adotar esse fato, a AD expande a possibilidade de analisar os discursos, tendo em vista que os discursos não são tidos como rígidos. Sobre o discurso, Azevedo (2013, p. 158) retoma Foucault (2017) para abordar informações sobre o conceito de discurso:

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Ainda sobre essa questão discursiva, a presença do Outro no discurso retoma outros discursos em uma produção discursiva. O sujeito ao enunciar-se vai buscar involuntariamente outros dizeres já ditos em outro tempo, outro contexto histórico. Que vão se entrelaçar com novos dizeres, formando assim um discurso atual que marca um novo momento. Este processo denominamos de interdiscurso e memória discursiva, ou seja, ainda que o sujeito acredite ser o autor dos próprios dizeres, ele é mero reproduzidor de outros discursos.

Assim, a AD busca compreender os sentidos e as significações dos discursos, investigando seu funcionamento, condições de produção e os contextos históricos. Desse modo, ela vai ultrapassar a barreira do estruturalismo, que se limitava ao estudo da frase, e passa a contemplar elementos extralinguísticos para, então, produzir os sentidos nos textos. Segundo Gregolin (1995, p.17):

[...] para entender os sentidos subentendidos em um texto, é preciso que o enunciador e o enunciatário tenham um conhecimento partilhado que lhes permita inferirem os significados. Esse conhecimento de mundo envolve o contexto sócio-histórico a que o texto se refere.

Nesse sentido, é necessário um conhecimento prévio da conjuntura histórica em que esses discursos estão inseridos.

Em uma produção discursiva, há um entrecruzamento de diferentes discursos proferidos em momentos históricos e sociais distintos. A partir do conceito de discurso como uma palavra em movimento, proposto por Orlandi (1999), entende-se que os discursos se efetuam na dispersão dos acontecimentos e juntam-se a outros discursos (interdiscurso), de um dado momento histórico, constituindo novas produções de sentidos. Estas, por sua vez, estão inseridas numa Formação Discursiva que delimitam o que se pode dizer em determinada época e espaço social.

Portanto, os diferentes discursos que revelam posições ideológicas distintas por ora se confrontam, se contradizem e obedecem às regras de formação, constituindo uma Formação Discursiva. Pêcheux (1990) afirma que numa formação discursiva existe a presença das formações ideológicas, revelando seus lugares socioideológicos. Em vista disso, o sujeito através da linguagem, reproduz dizeres que revelam suas posições ideológicas e sociais.

O sujeito discursivo, presente na AD, aponta para um sujeito que através dos seus dizeres revela suas posições ideológicas, sociais e o momento histórico em que se inscreve a formação do discursiva. Desse modo, um discurso surge no entrelaçamento de ideologias do meio social e o momento histórico integrados ao sujeito que revela seus posicionamentos diante de dada conjuntura. Assim compreendemos as condições de produção de um discurso.

Baseado nos pressupostos teóricos de Michel Foucault (2014), que retrata o discurso como ferramenta de saber e poder, propomo-nos analisar os efeitos de sentido do discurso presidencial sobre a pandemia da Covid-19, considerando suas condições de produção. Para isto, dialogamos com as ideias de Michel Pêcheux (1990) a respeito das formações discursivas em que essas práticas discursivas se inserem. Dito isso, no próximo tópico, faremos considerações sobre o sujeito e o interdiscurso.

2.2 O sujeito e o interdiscurso

Para a AD, é de fundamental importância, no processo de análise, identificar as formações ideológicas, os lugares sociais e os contextos históricos que são materializados nos discursos, e como esses agentes constituem a subjetividade dos sujeitos.

O sujeito descrito pela AD é composto por diferentes vozes. Ele se constitui a partir da sua interação no espaço social, e através do discurso irá materializar as vozes que integram as condições de produção. Em uma prática discursiva encontramos elementos que identificam as posições ideológicas do sujeito enunciativo. Ao analisarmos o enunciado “gripezinha” proferido pelo então presidente no seu primeiro pronunciamento sobre a Covid-19, temos a materialização e natureza socioideológica. Esse termo usado pelo sujeito enunciativo revela o desprestígio à comunidade científica, como também minimiza os efeitos potenciais da pandemia.

Partindo do pressuposto de que o sujeito social, segundo Fernandes (2005), constitui os discursos a partir do entrecruzamento de diferentes discursos, que se negam e se contradizem, resultando num sujeito plural constituído por diferentes vozes que atravessam a sua relação social. Denotamos que a posição ideológica do enunciador é contrária aos estudos científicos, às pesquisas, delegando a possível cura à fé no sobrenatural resultando um caráter negacionista e de cunho religioso.

Em vista disso, se retomarmos o enunciado “gripezinha”, proferido pelo Chefe do Executivo, localizamos a presença do mesmo enunciado em um outro discurso, dito por um médico, Dráuzio Varella⁶, em outra circunstância, quando a Covid19 estava em processo de especulação.

Esse enunciado, ao ser empregado no momento que o Brasil contabilizava quarenta e seis mortes por Covid19⁶, num curto prazo de sete dias após o primeiro registro, oculta a gravidade do vírus produzindo sentido de estável, inofensivo, como também atesta para uma posição ideológica de caráter negacionista. Desse modo, inserido em um novo contexto, o enunciado foi adquirindo novos sentidos, fazendo-se presente em novas produções discursivas.

No interior dessas produções discursivas, a presença de diferentes discursos que revelam posições ideológicas, contextos históricos e lugares sociais são denominados de interdiscurso. O sujeito resgata enunciados presentes em outros momentos e constitui sua produção com novos efeitos de sentido. Desse modo, como afirma Orlandi (1999), a palavra discurso tem ideia de movimento, logo, esses enunciados são reelaborados, transformados e ganham novos sentidos conforme o contexto histórico.

Dessa forma, o sujeito tem a ideia de que é o autor dos seus próprios discursos. No entanto, ele aciona a memória discursiva resgatando dizeres já ditos, na dispersão dos acontecimentos, transformando e modificando-os.

Segundo Pêcheux (1990), a memória discursiva traz para os novos dizeres aquilo que foi dito em um dado momento, época, outro contexto histórico. Porém, as ideologias mantêm-se a mesma, fazendo com que muitas vezes o sujeito enunciador tenha a certeza que é autor do discurso. No entanto, a disciplina de AD vai desnudar esses discursos e assim comprovar que existe no interior dos dizeres, os interdiscursos presentes em outro momento. Ao enunciar-se o sujeito vai buscar no passado, involuntariamente, dizeres que fazem partes de outras formações

⁶ <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/15/drauzio-varella-essa-epidemia-vai-passar-se-cada-um-fizer-a-sua-parte-vai-passar-mais-depressa.ghtml>

⁷ <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/24/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-24-de-marco.ghtml> acesso em:17/09/21

discursivas, fazendo com que dentro desse discurso atual estejam presentes interdiscursos que colaboram para alguma ideologia. Pois, é sabido que a ideologia materializa nas palavras quando enunciadas.

2.3 Discurso-verdade-poder

Para que um discurso circule numa sociedade, é necessário que este tenha passado por um processo de controle e obedeça às condições de existência para finalmente difundir-se, consoante ressalta Foucault (2014). Desse modo, ao serem reproduzidos, os discursos adquirem legitimidade, fazendo com que grupos sociais os tomem com sentidos de verdade.

As instituições, base de sustentação dos discursos, controlam estes e determinam como serão suas distribuições, tendo em vista que o controle das ações humanas provém dos dizeres. Além disso, as instituições com grande influência na sociedade tendem a impor suas regras para contribuir na legitimidade do discurso. Nessa perspectiva, as instituições governamentais colaboraram para que o discurso proferido por Jair Bolsonaro, na época Presidente da República, adquirisse veracidade, ao passo que instâncias governamentais são representações sociais e, portanto, apresentam autoridade em seus discursos, tornando-os legítimos.

Ao pronunciar-se no dia 20 de março de 2020⁸, o então Chefe de Estado usando uma transmissão em cadeia nacional com grande alcance de telespectadores, proferiu discursos de cunho anticientífico e buscou silenciar os discursos que abraçavam a comunidade acadêmica

Sabendo que o poder age em forma de rede e todos que compõem uma sociedade estão sujeitos a ele, o poder situa-se em relações de poder. Essas relações usam estratégias para institucionalizar os discursos escolhidos como verdadeiros e, assim, atuar no controle das ações dos indivíduos. Vale ressaltar que o exercício do poder não está resumido à repressão, agindo de forma violenta e coercitiva, mas atua de maneira sutil, conduzindo brandamente as ações dos indivíduos sem deixar que perceba que está sendo disciplinado.

Foucault (1984) ainda acrescenta que as relações de força surgem a partir das relações de poder, colocando os indivíduos em confronto, resultando em um exercício de poder, que é o modo de conduzir as ações dos sujeitos. O teórico afirma que não existe verdade sem poder, que é impossível a existência de um sem a presença do outro, por isso eles são indissociáveis. Cada sociedade escolhe os discursos que irão circular como verdadeiros e para legitimá-los, as relações de poder vão buscar estratégias que explicam a produção e as condições desses discursos que são apresentados na sociedade como verdadeiros.

Em vista disso, no cenário de pandemia, o então Chefe de Estado propôs o uso de medicações, sem comprovação científica⁹, para o tratamento precoce da Covid-19. Recorreu ao apoio de líderes religiosos, substituiu Ministros da Saúde que

⁸Fonte ://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro. Acesso em: 27 set. 2021

⁹ Fonte:https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-divulga-diretrizes-para-tratamento-medicamentoso-de-pacientes

discordavam de sua opinião, e empossou um simpatizante que logo concordou em protocolar na página oficial do Ministério da Saúde o uso da Cloroquina.⁹

Assim, uma parcela da sociedade abraçou o discurso presidencial como verdadeiro, sobrepondo os discursos da comunidade científica. Logo, essas instituições (Governo Federal) formam as relações de poder. Relações essas que irão autorizar os discursos que melhor se ajustem aos seus interesses, e constituir o que Foucault (2014) chama de regimes de verdade.

Para Foucault (1984), a verdade se constrói na sociedade, a partir do surgimento dos discursos ela vai acolher aqueles que serão aceitos como legítimos. Portanto, ela é resultado dos processos políticos, sociais e econômicos que buscam conduzir as ações dos indivíduos. Em razão disso, a verdade está entrelaçada com o poder, só por meio dele que ela é institucionalizada.

Em vista disso, existiu na Grécia, por volta do século IV a. C, um modo de dizer a verdade, de forma franca, sem rodeios, sem temer as consequências do ato de fala, chamado de *parrhesía*. Por esse viés, Foucault aborda o tema de *parrhesía* em *Hermenêutica do Sujeito* (1982), gerando tema para os últimos cursos no Collège de France FOUCAULT, 2006, p.450 – apud SILVA, 2020.

Na parrhesía, o que está fundamentalmente em questão é (...) a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. O termo parrhesía está tão ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, que os latinos justamente traduziram parrhesía pela palavra *libertas*. O tudo dizer da parrhesía tornou-se *libertas*: a liberdade de quem fala.

Desse modo, Foucault (2006) direciona seus estudos para a ligação da *parrhesía* com a política, elucidando o direito que os indivíduos tinham de se expressar e de dizer a verdade.

No contexto atual, temos assistido a algo parecido com *parrhesía*, uma vez que o compromisso que os parrhesíastas tinham em proferir a verdade fez surgir algo parecido com o “falar a verdade”. O representante político ocupou o lugar do *parrhesíasta*, deixou de falar o que a verdade comprovada cientificamente, para a enunciar as verdades formuladas por atuais conjunturas, ainda que as características retomem o modo de falar francamente.

O interesse deixou de ser a verdade científica, sobrepondo os interesses econômicos, pois, no cenário de crise sanitária, em decorrência do coronavírus, assistimos aos discursos proferidos do Governo Federal em divergências com os discursos científicos da OMS, utilizando-se do pretexto de salvar a economia e exigiu o fim do isolamento social, defendendo o isolamento vertical direcionado para idosos e pessoas portadoras de comorbidades.

Nessa concepção, há enunciados em que o então Governo poderia ocupar lugar da *parrhesía*, afirmando estar falando a verdade. Entretanto, o *parrhesíasta* tem compromisso com a verdade, e não constitui os discursos por meio de conjunturas como fez o Chefe do Executivo no contexto pandêmico do Brasil.

Em torno deste momento histórico, compreendemos que o Governo Federal, em consonância com os seus apoiadores, produziu discursos cuja lógica não está compatível com a verdade científica, já que esses discursos tiveram impactos negativos para a população, pelo fato de divergirem com as políticas de contenção,

¹⁰ O então presidente recomendava este medicamento para pacientes infectados pelo vírus da covid19. Chegando a destituir os ministros da saúde José Henrique Mandetta e Nelson Teich por contestarem a eficácia da tal droga.

propondo o uso de medicação sem comprovação e ainda minimizou os efeitos potenciais da pandemia. Porém, esses discursos que emergem do Governo vão adquirindo legitimidade socialmente. Embora não estejam compatível com a lógica de discursos comprovados cientificamente, eles coincidem com a vontade de verdade conceituada por Foucault (2014).

3. A PRODUÇÃO DE SENTIDO DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS NO CONTEXTO DE PANDEMIA NO BRASIL

O Discurso não se limita ao texto, nem à língua, mas a sua exterioridade. Envolve o momento histórico-social e a ideologia que formam dizeres que serão pronunciados pelo sujeito discursivo, revelando suas posições frente a determinado tema.

Considerando a perspectiva discursiva, analisamos o pronunciamento do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no momento histórico da Pandemia causada pela Covid19, no ano de 2020, pontuando as condições de produção, o interdiscurso presente nos dizeres e a vontade de verdade.

Após a determinação do Ministério da Saúde em exigir isolamento social e o fechamento do comércio para controlar o avanço da Covid-19, o Governo Federal, por meio de cadeia nacional de rádio e televisão, faz o seu primeiro pronunciamento, no dia 24 de março de 2020, exigindo o fim do confinamento e o retorno das atividades, conforme mostra a sequência discursiva 1 (SD1), a seguir:

SD1 - O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. (BOLSONARO, 2020)

Jair Messias Bolsonaro reporta-se ao vírus como algo passageiro, de fácil controle, sem grande prejuízo à saúde, induzindo a população a abolir o isolamento e seguir normalmente suas rotinas. Com efeito, esses dizeres nos retomam um efeito de calma, controle sem qualquer resquício de temor a um vírus que se alastrava rapidamente, causando vítimas fatais.

O então líder de Estado tem como base econômica o neoliberalismo, que propõe o livre mercado com a mínima participação do Estado. A partir das ideias neoliberais que priorizam a economia, os enunciados dele direcionam a população a retomar as atividades laborais sem se sentirem ameaçados pelo vírus, ao passo que discursos proferidos por governantes ou veiculados pela mídia têm grande alcance e consequentemente garantia de legitimidade. O então Chefe de Estado, exigiu o retorno das atividades, alega estar preocupado com a população e temendo a falta de recursos oriundos do isolamento social.

A partir desse posicionamento de incitar a população ao retorno das atividades, priorizando a economia em detrimento a saúde, evidencia o posicionamento ideológico de caráter capitalista que prioriza o lucro, no entanto, o Presidente tentou mostrar-se preocupado com a população ao temer a falta de sustento das famílias justificando assim o fim do isolamento social.

Reforçando sua posição ideológica neoliberal, o então presidente alega no seu pronunciamento que os efeitos letais do SARs-CoV-2 não atingiriam pessoas com idade inferior a 40 anos. Como veremos na próxima sequência discursiva:

(SD2): SD2 - O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (BRASIL, 2020)¹¹

Ao proferir que a 90% das vítimas de covid-19 são de pessoas acima de 60 anos e que a faixa etária de 40 anos tem poucos registros, evidencia que o vírus não possui tamanha letalidade, pois pessoas de idade inferior a 40 anos não iriam dispor de sintomas graves, produzindo na população a ideia de uma precipitação por parte da imprensa que deseja espalhar pânico pelo país.

Ao reforçar as recomendações do Ministério da Saúde, ele delimita que o confinamento deve ocorrer apenas entre os idosos, para abrandar o caráter discursivo de que a economia se sobrepõe à vida, reitera com a preocupação em cuidar dos “*queridos pais e avós*”, produzindo um efeito de sentido de alguém que prioriza tanto a vida quanto a economia.

Na produção discursiva, que o pronunciamento do presidente articula, há como estratégia enunciativa o uso de inverdades ou informações distorcidas, a exemplo: a preocupação com os idosos e a serenidade em afirmar que as pessoas inferiores a 40 anos não manifestariam sintomas, caso fossem acometidos pelo vírus SARs-CoV-2. Desse modo, esses dizeres revelam a preocupação maior em conscientizar a população de flexibilidade na contaminação de indivíduos jovens e com isso o retorno às atividades.

O uso dos léxicos no diminutivo *gripezinha e resfriadinho* suaviza a gravidade do vírus, pois quando as palavras são proferidas no diminutivo perde-se o rigor e, neste caso, adquirem sentido de desprezo e ironia. Além disso, quando termos como esses são pronunciados pelo Presidente da República obtêm legitimidade, pois é oriundo de uma figura social que representa uma sociedade.

Esses termos estão presentes em outra produção discursiva, que foram produzidas em outro contexto pelo médico Dráuzio Varella, quando a Covid19 passava por especulações. Assim, os dois lexemas descritos acima, usados na produção discursiva do então presidente, ainda que de forma irônica, fortalecem a ideia de ineficiência da Covid19.

Conforme postula Pêcheux (1995), no interior de uma produção discursiva, encontramos elementos oriundos de outras produções. Esses elementos são reelaborados e reproduzidos, constituindo produções que marcam um determinado momento histórico.

Além disso, o então Presidente utiliza-se de um sarcasmo ao reconstruir discursos ditos em outros contextos ressignificando-os e constituindo novos efeitos de sentido. Outros termos, também, presentes nas duas sequências mostra os verbos *ter e dever*, no modo imperativo, compreendendo que esse modo verbal expressa ao interlocutor um pedido, uma ordem. Nesse sentido, ao enunciar, usando lexemas que emitem ordem, revela uma posição ideológica austera e por estar numa posição social

¹¹ Excerto encontrado no site: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/venceremos-o-virus-afirma-bolsonaro-em-pronunciamento-aos-brasileiros>

de líder governamental, retoma ideias militares, em um período em que o representante governamental emitia ordem e colhia obediência.

O então Chefe de Estado, desde a disputa eleitoral em 2018, buscava descredibilizar os meios de comunicação tradicionais e utilizava as mídias sociais para proferir ofensas, críticas, refutando o conteúdo das informações, levando uma parcela da população a desacreditar nos fatos veiculados.

Com isso, retomamos o contexto do período militar no país, quando as informações sofriam censura pelos governantes da época da ditadura militar. Compreendendo que o discurso tem ideia de movimento, e os enunciados vão sendo reelaborados e ressignificados, conforme afirma Orlandi (1995), o discurso presidencial tende a reproduzir ideologias militares.

Quando o então presidente responsabiliza a imprensa por causar histeria e pânico na população, o efeito de sentido produzido é que os jornais superdimensionaram a potencialidade da Covid-19 e que na visão do presidente não existem motivos para se preocupar, uma vez que alega ser um “leve resfriado”, induzindo os sujeitos a acreditarem que todas as medidas sanitárias adotadas pelos órgãos de saúde eram desnecessárias e, por isso, o isolamento social deveria ser abolido, conforme mostram as Figuras 1 e 2.

Figura 1: Bolsonaro pede fim do isolamento por coronavírus



O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse, durante entrevista no programa Brasil Urgente, nesta sexta-feira (27/03), que pode fazer novo pronunciamento em cadeia nacional neste sábado (28/03). O jornalista José Luiz Datena perguntou se vai ser mais calmo do que **o anterior, que causou grande revolta na maioria dos brasileiros**. “Vai ser verdadeiro, a interpretação vai ser de quem tá ouvindo. Eu não falo o que o povo quer, mas o que o povo precisa ouvir”, respondeu o presidente.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-pede-fim-do-isolamento-por-coronavirus-algumas-mortes-terao-paciencia>. Acesso em 16/08/2023

Figura 2: Bolsonaro pede a apoiadores que entre em hospitais

The screenshot shows the Extra website interface. At the top, there's a navigation bar with categories like NOTÍCIAS, ECONOMIA E FINANÇAS, EMPREGO, POLÍCIA, FAMOSOS, TV, ESPORTE, and MULHER. The main content area features a video player with a play button and a progress bar. Below the video, there's a text snippet: "O presidente Jair Bolsonaro pediu a apoiadores que 'arranjem' um jeito de entrar em hospitais públicos ou de campanha que atendam pacientes com a Covid-19 para filmarem o interior das instalações. A ideia, segundo ele, seria mostrar a real dimensão da epidemia causada pelo novo coronavírus. Mais uma vez sem provas, Bolsonaro levantou suspeitas de que os dados referentes à doença no país estariam sendo manipulados para atingir o seu governo." To the right of the video, there are social media comments. One comment reads: "Já teve confusão no hospital Raul Gazola por causa desse psicopata e seu gado" by Roberto Barbosa. Another comment says: "SOMOS 70 E TEMOS QUE FAZER ESSES PSICOPATAS SE CAGAREM DE MEDO... JUNTOS QUE ACABEREMOS COM ESSES PSICOPATAS" by FORABOLSONARO. A third comment states: "APOIADORES NÃO... PSICOPATAS IGUAL A VC SEU UM DIA TU VAI PAGAR ISSO TUDO PODE ESPERAR... DEUS TA VENDENDO OS BRASILEIROS HUMANOS ESTÃO VENDENDO... ESPERA..." also by FORABOLSONARO.

Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/bolsonaro-pede-apoiadores-que-entrem-em-hospitais-para-filmar-leitos-24475445.html>. Acesso em 20/08/2023

Assim, a imprensa passa a ser vista como veículo de desinformação, ligada à ideologia negacionista e apresentadas nas redes sociais como instrumento de informações não confiáveis.

No mesmo pronunciamento, o Chefe do Executivo apresenta uma suposta medicação, em estudo, para o tratamento da doença. Até aquele momento a comunidade mundial não dispunha de nenhuma medicação, no entanto o gestor traz para o centro do seu pronunciamento a suposta cura, como mostra a próxima SD3

SD3 - O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, a lúpus e à artrite. (BRASIL, 2020)

Ao lançar a suposta cura através de medicações em estudos, esta vontade de verdade atua no imaginário da população, afastando o medo da contaminação e seus agravamentos, aludindo a uma política negacionista e imunidade coletiva adotada no Reino Unido entre os meses de janeiro e fevereiro de 2020, quando os casos ainda eram poucos. Jair Bolsonaro ao dizer que 90% da população caso fosse contaminada não teriam sintomas graves e juntamente com a ideia da suposta medicação que dava uma falsa ilusão de cura aos indivíduos.

Embora os veículos de informação tecessem críticas, ele reforçou os laços com lideranças que compartilhavam do mesmo pensamento, a exemplo, o pastor Silas Malafaia¹², que desde a corrida presidencial demonstrou apoio ao governo. Ambos

¹² Silas Malafaia é pastor protestante neopentecostal brasileiro, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Desde a corrida presidencial de 2018 mostrou apoio a Jair Bolsonaro e durante o período da pandemia da Covid-19 compactuou com os discurso de Jair Bolsonaro exigindo o fim do isolamento social.

reforçaram o posicionamento a favor do fim do isolamento social e o retorno à normalidade. Vejamos a SD4:

SD4 - Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa Pátria querida. (BRASIL, 2020)

Para encerrar seu pronunciamento, exige da população tranquilidade e calma, atestando que a letalidade do vírus não passa de alarme falso, que a mídia resolveu propagar pelo país e solicita a benção de Deus e encerra a sua fala.

O presidente que desenvolveu sua campanha versando com a religião, depositando a sua vitória nas urnas a um feito transcendental, que após passar por provações, referindo-se ao atentado no comício na cidade de Juiz de Fora (2018), em Minas Gerais, foi designado por Deus para salvar seu povo das mãos do inimigo “o comunismo” “esquerda” e agora da Covid-19.

Com apoio de líderes religiosos, que temiam a paralisação temporária dos cultos religiosos, devido às políticas de contenção, essas figuras religiosas não pouparam apoio ao presidente, já que temiam o fechamento dos templos. Isso reforçou a ideia da abolição do isolamento social. No dia seguinte após o pronunciamento, um dos seus apoiadores, o pastor Silas Malafaia, enfatiza: “o que seria pior para o país: coronavírus (até o momento era nominado de coronavírus) ou caos social?”. Induzindo, mais uma vez, a população a exigir o fim da política de contenção.

Diante das condições de produção que envolvem o momento histórico-social da Pandemia Covid19, discursos que divergiam da comunidade científica, refutaram à imprensa, colaboraram para uma produção discursiva com ideologias negacionistas. A discursividade negacionista, articulada em torno do acontecimento da pandemia, nos mostra como um discurso no seio da sociedade tende a adquirir veracidade conforme as instituições determinam. Com isso, retomamos os estudos de Foucault (2014), que afirma: “creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2014, p.17). No próximo tópico, analisamos como os discursos religiosos se tornaram estratégias para convencimento do dizer verdadeiro.

3.1 Estratégias do discurso religioso: convencimento e verdade

A igreja, instituição secular, tem como finalidade a salvação do indivíduo, e para guiar e ajudar nesse processo de salvação, os padres, pastores e sacerdotes estão encarregados de guiar os indivíduos, que influenciam a sociedade, já que são nominados representantes de Deus na terra.

Os discursos proferidos por essa instituição são automaticamente institucionalizados verdadeiros, exercendo poder, conduzindo e moldando as ações dos sujeitos, o que recai na produção da subjetividade. Um dos meios de guiar as ações dos indivíduos é conhecendo a mente, como afirma Foucault (2009, p. 38):

[...]esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem antes explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la.

Assim, a religião controla as ações dos indivíduos, baseando-se nos discursos bíblicos que por séculos intitulam-se como verdadeiros.

Apoiando-se nisso, o Governo Federal articulou-se com os líderes religiosos para endossar o seu discurso na política de combate à pandemia da Covid-19. Para isso, o Presidente da República, no dia 04 de abril de 2020, em sua rede social *facebook*, publicou um vídeo intitulado “Campanha de jejum e oração pelo Brasil”, conforme apresentado na Figura 3:

Figura 3: Print do vídeo publicado pelo ex-presidente



Fonte:

<https://www.facebook.com/watch/?v=1568812446600579>

O vídeo tem início com o fragmento do livro Crônicas (20 e 30), relatando o acontecimento da consulta de Josafá a Deus e proclamando um dia de jejum. Logo em seguida, aparece o presidente sorrindo e com a voz branda, convidando aos que acreditam, para o domingo de jejum: “muito obrigada a todos vocês, e aqueles que tem fé e acreditam, domingo é dia de jejum” (Bolsonaro, 2020).

Ao enunciar-se após o versículo bíblico que conta a história de Josafá, rei de Judá, que temia a invasão de exércitos inimigos, o representante se coloca na mesma posição de Josafá, personagem bíblico, que ao se consultar com Deus proclamou um dia de jejum, para livrar aquele reino da invasão do exército inimigo. No contexto do Brasil, que estava ameaçado pela chegada de um “inimigo”, a Covid-19.

Nessa articulação discursiva, a pandemia da Covid-19 de “inimiga” do povo de Deus, por conseguinte, existia a necessidade de orar para que este mal fosse passageiro pelo país. Desse modo, enviava convite às pessoas que têm fé e acreditam, que através da crença religiosa, poderiam alcançar a cura, enfatizando o quanto que a finalidade do vídeo seja convencer as pessoas de que não existe gravidade para aqueles que têm fé no transcendental.

Ao analisar a materialidade enunciativa do vídeo, percebemos que esses discursos embasados na religiosidade e, sobretudo, proferidos por um representante de um país, podem se tornar um dizer verdadeiro, justamente pela posição de poder que o enunciador ocupa. A esse respeito, Foucault (1984) evidencia que a verdade está imbricada ao poder e estão entrelaçados, sendo impossível dissociá-los, e é por meio do discurso verdadeiro que as relações de poder guiam e conduzem as ações dos sujeitos.

Além disso, nos dizeres proferidos pelo então Chefe do Executivo, identifica-se a presença de interdiscursos religiosos, que de acordo com o cenário de pandemia,

buscam adequar-se ao novo contexto histórico, assim como aconteceu com Josafá, que estava em luta com os inimigos. Paralelo a isso, o cenário pandêmico colocou o ex-presidente no papel de Josafá e tudo que diverge dele como inimigo. Dessa forma, os interdiscursos vão se ressignificando e formando novos discursos que permeiam um dado momento histórico.

Entre os líderes religiosos presentes no vídeo, enfocamos os enunciados de Silas Malafaia, que afirma: “depois de passar isso aí, vai chegar um tempo de prosperidade para o Brasil que nunca houve, e que todas as previsões catastróficas estão aniquiladas no nome de Jesus”. Com forte poder de persuasão, o pastor da Assembleia de Deus instiga a população a acreditar que o vírus iria passar rapidamente e o transcendental iria aniquilar todas as previsões que apontavam para a crise de saúde pública.

Ainda sobre os interdiscursos presentes nos dizeres dos enunciados acima, constata-se mais uma vez as ideologias religiosas como única forma de controle e prosperidade para o país. Assim, pretende-se criar um cenário de tranquilidade e serenidade diferentes do que foi noticiado na mídia.

Portanto, esses dizeres resgatam a memória discursiva das narrativas bíblicas e do discurso do salvacionismo religioso, segundo o qual, para alcançar prosperidade e salvação, é preciso passar pelas catástrofes. Com isso, o enunciador retoma enunciados já ditos em um dado momento histórico, como é o caso dos versículos bíblicos, e ao proferi-los no contexto da pandemia adquirem um sentido de que os líderes religiosos eram pessoas destinadas a salvar o país do Coronavírus.

Ao final do vídeo, outro fragmento bíblico é apresentado: 2 Crônicas 7:14: “E se o meu povo que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos maus caminhos, então ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra”. Fica explícito que o trecho é uma resposta ao apelo dos líderes religiosos, após unirem-se em oração, irão trazer a cura para o país por meio da fé, dispensando as medidas preventivas da OMS e fazendo acreditar que o transcendental tem o poder de aniquilar qualquer inimigo.

Esses discursos remontam claramente à memória discursiva, postulada por (PÊCHEUX, 1995), uma vez que os enunciados religiosos se repetem e se tornam regulares. Essa regularização discursiva “legaliza” o dizer, fazendo com que a memória torne o enunciado previsível e adequado às circunstâncias da sua enunciação.

É importante destacar que todo esse apelo das lideranças evangélicas por um dia de jejum e oração destina-se ao apoio do isolamento vertical defendido pelo governo, que inclui idosos e pessoas com deficiência como meio de controlar a disseminação do vírus. Esses representantes evangélicos, embora sejam nomeados pelos seguidores de pastores que guiam e cuidam das ovelhas, em meio uma crise sanitária com um sistema de saúde precário, optaram pela economia. Aliando-se ao mandatário, induziu a população a abandonar a quarentena para testar a imunidade de rebanho adotada por países europeus como Reino Unido, França que resultou em números alarmantes de contágio e vítimas fatais.

No dia 04 de abril, data em que a publicação foi postada no *Facebook*, o país registrou 432 óbitos, e, mesmo com o avanço da pandemia, essas figuras religiosas parecem não se importar com a vida da população, reforçando um discurso que contraria as medidas imposta pela OMS.

A respeito da relação da verdade com essa discursividade produzida no contexto de pandemia, é pertinente referenciar Foucault (1981), o qual ressalta que a verdade é uma produção desse mundo e produz efeitos regulamentadores de poder.

Para o autor, o discurso verdadeiro é uma ferramenta de poder e controle social. Desse modo, esses discursos que divergem da comunidade acadêmica se constituem em uma vontade de verdade, visto que esses discursos “verdadeiros” têm como finalidade o retorno à normalidade, com o objetivo de preservar a economia. Embora destaque o desejo de preservar a vida e a economia, as duas questões não tiveram a mesma relevância, conferiu um nível elevado de importância à economia do que a crise de saúde.

Intitulando-se como o sujeito que tem coragem de “falar a verdade”, o ex-presidente se posicionou como o *parrhesíasta*, conceito elaborado por Foucault, que denota a coragem do sujeito enunciativo em expor a verdade em que acredita. Sob essa ótica, em uma postagem na rede *Instagram*, no dia 25 de março de 2020, o antigo presidente afirma “É mais fácil fazer demagogia diante de uma população assustada, do que falar a verdade” (Bolsonaro, 2020). Usando da estratégia de *parrhesía*, o “falar franco”, Bolsonaro se coloca como um *parrhesíasta*. No entanto, essa “verdade”, dita por ele tem a finalidade de reforçar o negacionismo e refutar os fatos noticiados nos meios de comunicação, colocando-o numa posição de *falso-parrhesíasta*.

Em vista disso, notamos que o conceito de *parrhesía* não se aplica ao contexto da pandemia, pois a sua essência perdeu a originalidade. Algo parecido com “dizer a verdade” surgiu na contemporaneidade, as verdades ecoadas no cenário da crise de saúde não coincidem com a lógica. O “falar a verdade” é um consenso das conjunturas que tem por finalidade abolir o isolamento social. A demagogia ganhou espaço na enunciação e mesmo que se coloque como verdadeiro, há contradições porque o desejo da verdade não é apenas do sujeito enunciador, mas de uma conjuntura que visava o aumento do capital. Porém, o discurso negacionista à pandemia ganhou *status* de verdade, negando a eficácia do isolamento e receitando hidroxiquina, azitromicina e com ênfase na cloroquina no tratamento. Medicamentos esses ineficazes contra a Covid-19. Conforme apresentado a Figura 4.

Figura 4: Postagem de Bolsonaro a favor do uso da cloroquina e azitromicina

Jair Messias Bolsonaro

- O tratamento da COVID-19, a base de Hidroxicloriquina e Azitromicina, tem se mostrado eficaz nos pacientes ora em tratamento.
- Nos próximos dias, tais resultados poderão ser apresentados ao público, trazendo o necessário ambiente de tranquilidade e serenidade ao Brasil e ao mundo.
- Por outro lado, chega ao Brasil o teste de imunocromatografia (IgG/IgM), no qual o cidadão fica sabendo se já foi contaminado e curado.
- Portanto, esses imunizados poderiam circular (trabalhar) livremente com mais tranquilidade, como, por exemplo, profissionais de saúde, segurança, transporte, etc...

rosangelavalentimmartins 🍌🍌🍌🍌🍌
77 sem Responder

marina.c.alves.12 🇯🇵 Paraná está com ipidemia de Dengue e não vejo ninguém se imobilizar, 55 mortes só esse mês.
77 sem Responder

mariaalmeida49 🍌❤️❤️❤️❤️🍌
77 sem Responder

Curtido por anddreluiss e outras 490.577 pessoas
25 DE MARÇO DE 2020

FONTE: <<https://www.instagram.com/p/B-KrYlfBvO9/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2021

Ao afirmar que o tratamento com as drogas tem mostrado eficiência, e que aguardava apenas a divulgação, pois era do seu conhecimento que os pacientes tratados com a medicação obtiveram resultados positivos, o ex-chefe da nação produziu em uma parcela da população a ilusão de cura e controle da doença, que após a divulgação dos estudos o Brasil e o mundo voltariam a tranquilidade e possivelmente a normalidade.

Com a instituição do Decreto¹³ 10.282, exigindo o fechamento dos estabelecimentos que dispunham de serviços não essenciais, o objetivo do presidente nessa publicação é induzir que a população use a medicação e tenha a ilusão de que a doença está sob controle e, por isso, as medidas sanitárias determinadas pela OMS seriam inadequadas, pois um remédio pode controlar a doença, e esse desejo fica explícito no último enunciado quando ele diz que os indivíduos recuperados da Covid-19 podem retomar às atividades tranquilamente.

A produção de sentido que emerge desse posicionamento do governo brasileiro, no qual o indivíduo, caso seja contaminado, poderá medicar-se com a hidroxiquina, cloroquina no tratamento e, após recuperação, estará imune a doença. Induz a população a abandonar o isolamento social e exigir das autoridades o retorno da normalidade, tendo em vista o sentimento de cura que cresce nos sujeitos a ideia de estabilidade e controle, atenuando o fracasso na política de contenção.

Em meio ao cenário de crise sanitária e a tentativa de controle de disseminação do vírus, o isolamento social foi a medida mais eficaz encontrada pelos cientistas e utilizada por países na Europa. No entanto, o então Presidente divergiu dessas medidas, resultando em fracasso na política de contenção¹⁴. Com o fechamento de alguns estabelecimentos, o isolamento social passou a ser visto pelas relações de poder como medida prejudicial à economia e trataram de produzir discursos que descredibilizassem os meios de combater a Covid-19.

Para conduzir as ações dos indivíduos, as relações de poder fazem circular na sociedade discursos verdadeiros, que através dessas verdades os indivíduos terão suas ações conduzidas pelas relações de poder. Com isso recorrem a instrumentos que justificam o saber. Dessa maneira, retomamos os enunciados do presidente apresentando a hidroxiquina e azitromicina no tratamento da Covid-19. Mesmo que a medicação não disponha de respaldo científico, esses enunciados adquiriram veracidade por ser proferidos por um representante de Estado. Os efeitos de sentido produzidos são de que o mercado já dispunha de remédios no tratamento da doença, fazendo com que a população acredite nessa verdade e exija o fim do confinamento.

Contrapondo-se ao discurso de tratamento com hidroxiquina, alegando efeitos colaterais agravantes e alinhando-se às diretrizes de saúde da OMS, o então

Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta não entra na ordem do discurso institucional e foi destituído do cargo, sendo substituído por Nelson Teich, médico oncologista, que também defendia as orientações da OMS e exigia cautela em relação

¹³ O Decreto 10.282 regulamentou a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais no período de contenção para conter o avanço da covid19.

¹⁴ Um relatório elaborado por pesquisadores de 16 países e divulgado no Jornal da USP, mostrou que no Brasil, de acordo com o trabalho, as tensões políticas levaram a polêmicas sobre isolamento social e uso de medicamentos e causaram danos extensos e profundos no combate à doença e posteriormente prejudicaram o planejamento da vacina. Fonte: <<https://jornal.usp.br/ciencias/tensoes-politicas-levaram-brasil-a-fracassar-no-combate-a-covid-19-aponta-relatorio/>>. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

ao uso da hidroxicloroquina no tratamento. Isso resulta em mais uma exoneração. Ainda no seu mandato, o site do Ministério da Saúde, a partir do dia 12 de maio de 2020, passou a informar os números de recuperados, ocultando assim os números de óbitos.

Diante disso, compreendemos os procedimentos de exclusão e interdição nos discursos, como afirma Foucault (2014, p. 9): “sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um não pode falar de qualquer coisa. ”. Portanto, os discursos dos ministros exonerados não estavam autorizados a serem propagados naquele momento, impossíveis de entrar na ordem do discurso, pois não obedeciam às regras de formação discursiva na qual aquelas relações de poder buscavam difundir.

Ainda sob essa perspectiva, no dia 16 de maio de 2020, o general Eduardo Pazuello assumiu interinamente a pasta. Sem conhecimento na área de saúde, no entanto, compartilhando da mesma base ideológica do presidente e, para legitimar o discurso do governo em favor do uso da medicação, faz mudança no protocolo de tratamento precoce da covid-19, como uso de cloroquina e hidroxicloroquina, publicado no site do MS no dia 20 de maio de 2020, consoante ilustra a Figura 5.

Figura 5: Diretrizes para tratamento medicamentoso de pacientes

← → ↻ 🏠 www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-divulga-diretrizes-para-tratamento-medicamentoso-de-pacientes

Apps Nova guia Maps Notícias Traduzir Ocorreu um erro | i... <https://www.instagram...> Histórico da pande...

☰ Ministério da Saúde

Ministério da Saúde divulga diretrizes para tratamento medicamentoso de pacientes

Publicado em 20/05/2020 23h28 | Atualizado em 21/05/2020 14h27 Compartilhe: [f](#) [t](#) [o](#)

As recomendações publicadas nesta quarta-feira (20) são para o tratamento precoce, com cloroquina e hidroxicloroquina, de pacientes com COVID-19, no Sistema Único da Saúde (SUS)

O Ministério da Saúde divulgou nesta quarta-feira (20) as orientações para ampliar o acesso de pacientes com COVID-19 ao tratamento medicamentoso precoce, ou seja, no primeiros dias de sintomas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). O documento traz a classificação dos sinais e sintomas da doença, que pode variar de leve a grave; e a orientação para prescrição a pacientes adultos de dois medicamentos associados à azitromicina: a cloroquina e o sulfato de hidroxicloroquina. A escolha do melhor tratamento para a doença pode variar de acordo com os sinais e sintomas e a fase em que o paciente se encontra. Esses dois medicamentos já eram indicados para casos graves, hospitalizados.

Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-divulga-diretrizes-para-tratamento-medicamentoso-de-pacientes>

Para institucionalizar o discurso verdadeiro e conduzir as ações dos indivíduos, as relações de poder exploram os instrumentos que explicam a produção do saber e das condições necessárias para que algo venha a ser considerado verdade, a exemplo, a inserção de um sujeito de mesma base ideológica para compor a pasta do Ministério da Saúde que protocola o tratamento com medicação sem eficácia, como também o apoio de líderes evangélicos que endossam o fim do isolamento social,

além de usar a fé como instrumento de cura e a ocultação do número de óbitos no país.

A vontade de verdade vai sendo construída, rotulada como a própria verdade, já que as instituições exercem pressão sobre outros discursos, descredibilizando e silenciando-os, visto que contrapor-se ao uso de medicamentos sem comprovação científica e defender o isolamento social são classificados de “esquerdista” e “comunista”, automaticamente sofre o processo de exclusão. Isso nos remete a Foucault (2014), quando este mostra que aqueles que não são direcionados pela vontade de verdade instituída ficam excluídos. Em razão disso, os discursos comprovados cientificamente foram suprimidos pela vontade de verdade que tem como desejo a manutenção da economia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o proposto neste trabalho, verificamos que durante o período da pandemia Covid19, o discurso que emergiu da figura do então Presidente da República, Jair Bolsonaro, produz o efeito de sentido negacionista, tendo em vista que contestava além da letalidade do vírus, também a comunidade científica, além de buscar estratégias para que esses discursos adquirissem legitimidade.

Ao analisarmos o pronunciamento do então Presidente da República, verificamos a presença de ideologias neoliberais e de extrema-direita que têm como prioridade a economia. Podemos atestar isso quando o então Chefe de Estado pediu que a população interrompesse o isolamento social e retornasse ao trabalho com o enunciado de que os empregos devem ser mantidos e o sustento da família preservado. Logo, compreendemos que a estratégia era de priorizar a economia em detrimento à vida.

Com apoio dos líderes religiosos acionou a memória discursiva das narrativas bíblicas na qual enfatizava que o país passava por uma provação e ele seria designado para salvar o povo da catástrofe, além de reforçar a ideia de cura pela fé. Ademais, convidou a população para “um dia de jejum e oração pelo Brasil”. Com isso, emergia um discurso que priorizava a vida, mas que no íntimo a prioridade era fazer o povo ficar destemido e exigir o fim do isolamento, para retornar as atividades e não prejudicar a economia.

Visto que uma parcela da população não aderiu ao fim do isolamento, insistiu na indicação de medicação sem comprovação científica e procurou silenciar discursos que contestavam a eficácia de tal droga. Como exemplo, as demissões de dois ministros da saúde, José Henrique Mandetta e Luiz Teich. Conforme postula Foucault (2014), não se pode dizer tudo, nem falar de tudo em qualquer circunstância; assim, compreendemos o motivo que levou as demissões dos ministros da saúde: eles não contribuíam para a legitimação do discurso presidencial.

Portanto, diante de um momento histórico que configurou a pandemia da Covid19, a produção do discurso de Bolsonaro insere-se numa formação discursiva de ideias negacionistas, na qual o discurso que contestasse tais ideias era silenciado pelas instituições governamentais. Tendo em vista que o discurso está entrelaçado com o poder, e a partir dele exerce-se o controle dos indivíduos, uma parcela da população abraçou as ideias negacionistas resultando na contestação da vacina.

Diante disso, retomando ao questionamento realizado no início desse estudo, sobre a vontade de verdade, verificamos que Bolsonaro utiliza-se de mecanismos para influenciar o seu interlocutor, a exemplo de posições ideológicas de fácil apelo popular, como o discurso religioso e a importância da economia para a nação

brasileira. Dessa forma, o então presidente consegue estabelecer uma relação de poder entre o público e, conseqüentemente, torna o seu discurso como vontade de verdade.

É importante ressaltar que, para este estudo, delimitamos a análise pautada nos discursos proferidos no início da pandemia da Covid-19 e durante a fase inicial da aplicação da vacina contra o vírus. Acreditamos que ainda há formas materializadas discursivamente ricas para análise, principalmente após o início do processo de vacinação, evidenciando a importância do conhecimento científico, mas, para este momento, consideramos apenas o discurso negacionista que se constituiu e circulou entre 2020 e 2021.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Filogênese**. Marília: UNESP, v. 6, n. 2, 2013.

BOLSONARO, J. **Campanha de jejum e oração pelo Brasil**. Facebook. 04 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1568812446600579>>. Acesso em: 27 de setembro de 2021

BOLSONARO, J. **O tratamento da COVID-19, a base Hidroxicloroquina e Azitromicina, tem se mostrado eficaz nos pacientes ora em tratamento**. Instagram. 25 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-KrYlfBvO9/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2021

BOLSONARO, J. **É mais fácil fazer demagogia diante de uma população assustada, do que falar a verdade**. Instagram. 25 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-t6S29nSVH/>>. Acesso em: 26 de setembro de 2021.

BRASIL. **DISCURSO DO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA, JAIR BOLSONARO, EM CADEIA DE RÁDIO E TELEVISÃO – PALÁCIO DO PLANALTO**. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 27 set. 2021

BRASIL. Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020. **Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais**. Brasília: Planalto, 20 mar. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm> Acesso em: 27 set. 2021

Dijk, Teun A. van. *Discurso e Poder*. – 1º. ed. – São Paulo: Contexto., 2008

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SOUZA-ESILVA, M. C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-165.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Materialidades discursivas: A fronteira ausente (um balanço). **Estudos da lingua(gem)**, v. 1, p. 91-97, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o poder**. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

GREGOLIM, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA** – São Paulo, V. 39, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009

PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso** – uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1983.

SILVA, Cris Guimarães Cirino da et al. **O bolsonarismo da esfera pública: uma análise Foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7664>> Acesso em: 27 set. 2021.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados durante todos os momentos dessa trajetória.

Aos meus pais, por todo apoio e incentivo durante a caminhada. Sem o amor e cuidado de vocês eu não teria chegado até aqui.

Meu filho, Phelyp, a quem eu devo toda minha força e persistência nas situações adversas. Você é minha fortaleza, grata por compreender minha ausência durante esse processo.

Ao meu esposo Railton, por toda motivação, amor e incentivo.

As minhas amigas Larissa, Maria Luiza e Paula, obrigada por todo o companheirismo; e ao meu amigo Joaquim, por todo apoio.

A minha eterna gratidão ao meu professor e orientador Dr. José Domingos por toda paciência e ensinamentos, que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.